

DO TRABALHO AO ÓCIO: NARRATIVAS DE UM CAMINHO DE ENCONTROS

Ramon Sanches Neto

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão entre a arte narrativa e os processos relacionais e comunicacionais na sociedade atual, onde o encontro entre as pessoas passa por interferências das tecnologias digitais, da informação e da escassez do tempo. Através do meu percurso pela ação voluntária e utilizando exemplos de minha própria experiência, busco expor o paradoxo entre os impactos benéficos do estudo formal de um determinado conteúdo técnico, nesse caso, a arte narrativa e seus desdobramentos performáticos e artísticos, e os bloqueios que a necessidade de uma chancela acadêmica pode gerar. Minhas primeiras experiências no voluntariado ocorreram sem bagagem teórica e prática formais e atingiram resultados gratificantes; porém a busca pelo estudo trouxe uma ação mais consciente. Durante as reflexões deste artigo, busca-se deixar um convite tanto para a ação voluntária quanto para o estudo prático e teórico do ofício de narrar histórias.

Palavras Chave: Encontro, Narrativa, Voluntariado.

ABSTRACT

This article offers a reflexive thinking about the storytelling and, relational and communication process in current society, where people's meeting receives interferences from digital technology, information and time lack. Through my own experiences about volunteering and using personal examples, I have tried to expose the paradox between formal technical studies' benefits, in this case, the storytelling art and locks generated by an academic study necessity. My first volunteer experiences occurred without formal studies and achieve important results; on the other hands, the research brought a much more conscientious attitude. During these article reflections, it is expected to leave an invitation for both voluntary action and for the practical and theoretical study of the craft of storytelling.

Keyword: Meeting, Storytelling, Volunteering

INTRODUÇÃO (OU “POR QUÊ?”)

Essa é a pergunta que ouço toda vez que descobrem que estudo no curso de Pós-Graduação Lato Sensu A Arte de Contar Histórias: Abordagens Poética, Literária e Performática. Pergunta frequente também quando ouvem algo sobre as minhas ações voluntárias.

Questionamento muito compreensível, uma vez que não sou artista, pedagogo, psicólogo ou profissional de qualquer área das chamadas ciências humanas. Muito pelo contrário, sou um profissional da área das ciências exatas e sempre trabalhei com tecnologia da informação.

A resposta para essa pergunta é a razão deste artigo, que por outro lado é um convite para um breve passeio pelos caminhos que percorri do trabalho ao ócio, na busca pelo encontro com outras pessoas também dispostas a compartilhar experiências.

Ter iniciado a prática narrativa sem uma bagagem de conhecimento formal permitiu que eu quebrasse paradigmas e desenvolvesse potenciais por mim desconhecidos, trazendo-me à tona a importância que as nossas atitudes têm nas nossas relações com o outro. Por outro lado, o início dos estudos na pós-graduação foi como uma espiral positiva de descobertas. Autores que relataram de forma teórica assuntos que eu já havia vivenciado no voluntariado, além de artigos que propuseram novas reflexões que expandiram a minha visão sobre as minhas ações.

Reforço aqui o convite para uma reflexão sobre este paradoxo entre os benefícios dos estudos teóricos/formais e os bloqueios simbólicos que a necessidade de uma chancela acadêmica pode gerar na capacidade de agir das pessoas.

1. DO TRABALHO

a. Influências (de onde vim)

As minhas raízes se relacionam diretamente com algumas decisões tomadas e – sem dúvidas – são o princípio desta caminhada.

Filho mais novo de uma família de quatro irmãos, a minha chegada exigiu o apoio de todos em minha casa. Nasci com os dois pés tortos e passei por 4 cirurgias complexas até os 7 anos, que incluíam longos períodos de recuperação onde eu não podia andar. A impossibilidade de brincar explorando os espaços físicos, exigiu que eu explorasse mais os espaços da imaginação. Por isso o meu interesse pela leitura se desenvolveu desde muito cedo e foi um lugar de ótimas experiências, onde brincar, criar e aprender eram praticamente sinônimos. Além dos laços familiares eu tive um lugar especial nesse período: a Biblioteca Adelpha Figueiredo, que ficava no final da rua onde eu morava, no Pari. Foi lá que eu conheci grandes heróis como os gauleses Asterix e Obelix, em suas aventuras contra o exército romano, ou a pequena Mafalda com seus questionamentos engajados nas tirinhas do Quino. Estes

heróis eram muito mais presentes no meu imaginário do que os famosos heróis norte-americanos (que muitas vezes eu achava entediante). Se a narrativa oral não fez parte da minha infância, exceto pela programação infantil da TV Cultura, a literatura fez o meu universo expandir e foi fundamental no meu amadurecimento.

Foi na região do Brás que convivi desde muito cedo com pequenos conflitos que ainda são muito atuais. Imigrantes vindos dos mais diversos lugares, como coreanos, bolivianos, judeus, árabes e italianos (incluindo descendentes muitas vezes), além de nordestinos e pessoas vindas de todos os cantos do Brasil. Alguns explorando, outros sendo explorados. Pessoas vivendo nas ruas e muitos outros vivendo em cortiços. Além das relações entre empregador e empregado, haviam os constantes conflitos dos lojistas com os ambulantes. Sacoleiros vindos de longe em busca de mercadorias e bons preços. Esses cenários não estavam estampados apenas dentro das ruas, mas dentro da escola também. Nesta mesma época, tivemos a eleição e o posterior impeachment do Fernando Collor. Qualquer semelhança com o nosso presente não deve ser uma mera coincidência.

Claro que esse cenário passou como um pano de fundo na minha infância e não gerava nenhuma reflexão mais prolongada. Exceto pelos estranhamentos que uma criança sempre tem em sua relação com o mundo exterior.

As limitações físicas e financeiras me levaram para a tecnologia da informação. Cursei colegial técnico, fiz estágio em uma consultoria, passei pela faculdade e a minha carreira seguiu por diversas empresas. Aprendi e conheci pessoas com foco, objetivo, empenho e garra. Pessoas capazes de encarar muitos desafios e nem sempre tendo tantos recursos assim. Porém também tive minhas decepções quando percebi que nem sempre o discurso estava coerente com a prática ou quando os fins justificavam os meios. Comecei a ver como a classe média se comportava diante dos assuntos relacionados aos mais pobres. Preconceito, desvalorização, subestimação, eram muito recorrentes.

Constatações que reencontrei no artigo de Jorge Larrosa:

O sujeito moderno, além de ser um sujeito informado que opina, além de estar permanentemente agitado e em movimento, é um ser que trabalha, quer dizer, que pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder e sua vontade. O trabalho é esta atividade que deriva desta pretensão. (JORGE, Larrosa, 2002:p24)

Quanto mais eu lutava para crescer na carreira, mais me deparava com essas situações e mais percebia o conflito com as minhas origens. A maioria se esforçava para se adequar ao mesmo padrão de comportamento e opinião, rejeitando – mesmo que desconhecendo – o diferente.

Isso me levou de volta a leitura, com biografias, um pouco de filosofia, história, política e psicologia. Novos heróis foram surgindo como Eduardo Galeano, George Orwell, Viktor E. Frankl, Domitila Barrios de Chungara, Aldous Huxley e tantos outros. Essas leituras me devolviam a minha infância,

aumentando a distância com o meu dia-a-dia de trabalho e gerando uma oposição com colegas e amigos. Passava a maior parte do meu tempo em uma realidade e lutava, sem sucesso, para impor uma visão, que para mim, era de justiça. Era um constante não-concordar acompanhado de perto por um não-ser-ouvido.

Novamente, encontrei referências impactantes no seguinte texto de Larrosa:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é a posição (nossa de maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “im-posição” (nossa maneira de impormos), nem a “pro-posição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo que isso tem de vulnerabilidade e risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (JORGE, Larrosa, 2002:p25)

Por mais que as minhas opiniões fossem diferentes, as minhas atitudes eram muito similares quando tentava me opor diante das opiniões ou impor meu ponto de vista. Foram inúmeros os casos e quase todos infrutíferos, pois não havia espaço para uma escuta verdadeira. Era uma disputa onde todos saíam perdendo.

Porém, algo que definitivamente foi fundamental nos rumos do meu caminho, foram os laços de amizades criados neste período, dentro do próprio ambiente de trabalho. Pessoas que carregavam suas próprias histórias complexas de vida, buscando um caminho de sobrevivência. Foi com elas que compartilhei muitas leituras e construí muitos diálogos.

Essas situações de conflito infrutíferas somadas aos novos diálogos com livros e amigos, me levaram a tomar a decisão de agir através de um voluntariado. Talvez, inicialmente a motivação ainda passasse pela necessidade de impor minha opinião, mesmo que dessa vez através de atitudes ao invés de palavras. Afinal de contas, além de não ter refletido nas diferenças entre opor, impor e expor, eu não tinha experiências marcantes de exposições na vida adulta. Porém, a oportunidade de realizar um trabalho focado na solução, ao invés do simples discurso, parecia fazer muito sentido para mim.

b. Primeiros passos para a ação (voluntariado)

A possibilidade de realizar um voluntariado também foi a oportunidade de fazer algo por convicção e não por obrigação. Foi uma guinada de caminho em direção ao próximo, claro, mas que se conectava diretamente com as minhas raízes. Porém, todos esses anos focados em uma realidade de exatas exigiam de mim um certo planejamento antes da ação propriamente dita.

Por isso, quando decidi que faria um voluntariado logo percebi que deveria estar ligado com a leitura e a educação, pois eram temas que conversavam comigo. Em seguida, pensei que trabalhar com crianças seria o ideal, por acha-las mais receptivas e abertas para um contato sincero e acreditar que teria alguma habilidade por experiências com amigos e familiares.

Foi nessa época que eu assisti uma peça de teatro de improviso infantil, com o Grupo Pé de Maravilha no Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo. Como abertura do espetáculo, foi narrada A Fábula Sobre A Fábula. Aquela história me atingiu em cheio ao mostrar o fracasso da Verdade ao tentar entrar no castelo, se apresentando como uma verdade nua ou como uma acusação. Mas vestida como fábula, a verdade não só entrou no castelo como foi bem recebida.

Ouvir aquela história trouxe a possibilidade de conhecer uma nova forma de comunicar, sem a necessidade acusatória de uma imposição ou com uma frieza de verdade nua. Lembrei-me das minhas histórias de infância, tanto as histórias reais quanto as da literatura, e pensei nas conexões que elas deixaram para a vida adulta.

Foi uma reflexão sobre as oposições e imposições vividas até então e a descoberta da possibilidade de exposição, como no texto do Larrosa – mesmo antes de lê-lo. A imagem da fábula foi uma metáfora importantíssima na minha trajetória, pois mostrou como a narração poderia ser uma ferramenta positiva no voluntariado.

Foi então que eu pesquisei sobre cursos relacionados com a narração de histórias, encontrando a Pós-Graduação - que parecia muita ousadia na época - e um workshop na Cruz Vermelha, no qual me inscrevi. Logo após a sua conclusão do workshop, fui indicado para um voluntariado em um abrigo para crianças e adolescentes em situação de acolhimento.

O trabalho, coordenado pelo Instituto Fazendo História, consistia em encontros semanais de uma hora durante o período de um ano com uma criança. Nesses encontros individuais um laço de amizade era construído e além das brincadeiras, a leitura de livros infantis atuava como ferramenta para criar este relacionamento. Ao longo dos encontros, a história passada, presente e futura (desejos) da criança eram preenchidos em um álbum que fica com a criança, como registro de sua identidade. O trabalho, por ter um ciclo claro de início, meio e fim, permitia que a criança vivesse o término de um relacionamento de forma positiva. Uma vez que o seu álbum poderia ser continuado com outro voluntário que iniciaria novamente esse ciclo.

Trabalhei por 1 ano e meio com três crianças e tive um aprendizado muito importante. Aprendi que, por mais que eu me preparasse para um encontro, era necessário estar aberto para o momento e permitir que a criança criasse o seu caminho. Propondo atividades, trazendo para aquele momento o que realmente eles precisavam. Aprendi que para estar presente de forma integral eu precisava me esvaziar dos meus problemas, das minhas opiniões tendenciosas e deixar espaço para uma atenção mais focada.

Esse esvaziamento de si mesmo, eu encaro como uma forma de se libertar da arrogância ou das certezas absolutas; que tanto nos empurram para uma oposição ou imposição. Mantendo exatamente a

nossa essência que precisa ser exposta. Como antônimo do que comumente chamamos de estar “Cheio de Si”.

Por mais que eu me preparasse para o encontro, levando jogos, livros e planejando atividades; não havia garantia nenhuma de que essa preparação seria efetiva ou sequer utilizada. Muitas vezes o encontro era totalmente guiado pelas necessidades da própria criança e eram esses os encontros mais significativos.

Apenas mais tarde conheci o conceito de Larrosa sobre a experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (JORGE, Larrosa, 2002:p24)

Ao ler esse texto pela primeira vez, foi como se eu dialogasse com a minha própria vivência. Porém, com muito mais consciência e propriedade. Foi uma oportunidade de refletir “junto” com o autor sobre algo que eu havia experimentado antes.

As experiências vividas no abrigo foram muito importantes para que eu começasse a desenvolver novas habilidades, mesmo sem nenhuma formação específica. Geraram longas e profundas reflexões, sobre o que eu era capaz de fazer e o quanto o resultado dependia do outro. Sem imposições, oposições ou certezas absolutas; a construção do encontro no momento presente era algo único e especial para a criança também.

Acredito que o fato de estar totalmente fora da minha zona de conforto foi um fator decisivo para que eu adotasse uma postura de exposição natural. Afinal, eu realmente queria um encontro significativo e não tinha grandes recursos para me apoiar, a não ser as próprias necessidades da criança às quais eu me deixava expor. Por não ter um conhecimento explícito para os trabalhos no abrigo, houve maior possibilidade de desenvolver meus conhecimentos tácitos adquiridos ao longo do tempo e, até então, não tão valorados.

Conforme os trabalhos no abrigo progrediam e eu acumulava experiências, o curso da Pós-Graduação parecia cada vez menos ousado para mim. Muito pelo contrário, se mostrava interessante e necessário. Foi então que eu me inscrevi e comecei a participar da sexta turma do curso.

Os textos discutidos em aula e os aprendizados voluntariado começaram a se complementar naturalmente. Eram forças que se aliavam na construção desse caminho.

Próximo do término do ciclo com a última criança no abrigo, passado o primeiro semestre da Pós-Graduação, uma nova turma de voluntariado para contadores de história em hospitais foi aberta pela

Associação Viva e Deixe Viver. Então eu decidi por encerrar o meu trabalho no abrigo, não iniciando um novo ciclo com uma nova criança, e começar o curso para o voluntariado no hospital.

Esta decisão trouxe um novo desafio, o ambiente hospitalar. Porém, o processo de treinamento e acompanhamento dos voluntários mais experientes auxiliou-me na adaptação. Escolhi atuar em um hospital público do Sistema Único de Saúde (SUS), que atende pessoas de todo o Brasil com as mais diversas realidades.

Novamente eu estava diante de um ambiente desconhecido e com mais vontade de agir do que com conhecimento sobre o que deveria ser feito. As experiências vividas no hospital e no abrigo foram muito importantes para mim, e são algumas destas que compartilho agora.

2. AO ÓCIO

Enquanto a minha carreira foi marcada por um processo comum, onde primeiro é necessário buscar o uma formação, para depois estar devidamente “autorizado” ao trabalho e a ação; o voluntariado foi marcado pela ação quase que imediata com um pequeno período de preparo informal.

Por esse motivo, refiro-me as experiências do voluntariado como ócio (como um não-trabalho). Assim como Walter Benjamin descreve no texto O Narrador:

O ócio é o pássaro onírico a chocar o ovo da experiência. Basta um sussurro na floresta de folhagens para espantá-lo. Seus ninhos – as atividades, ligadas intimamente ao ócio – já foram abandonados nas cidades, e no campo estão decadentes. Assim, a capacidade de ouvir se vai perdendo e perde-se também a comunidade dos que escutam. Pois estórias é sempre a arte de transmiti-las depois, e esta acaba se as estórias não são guardadas. Perde-se porque ninguém mais fia ou tece enquanto escuta as narrativas. (WALTER , Benjamin, 1975:p68)

Quando estou realizando uma tarefa que não é comum para mim, ou quando assumo que aquilo que estou fazendo será criado em conjunto com o outro; preciso de uma maior sensibilidade. Um tempo sem pressa. Uma abertura para a possibilidade de que os planos serão alterados pela presença do outro que acabamos de encontrar. Este tipo de experiência em nada se assemelha ao trabalho como eu havia vivido e aprendido.

a. O menino que segurava o lápis

Antes de começar o voluntariado eu realizei uma visita para conhecer a equipe técnica que cuidava do abrigo. Eu nunca havia entrado em um serviço de acolhimento e não sabia exatamente como era o seu funcionamento ou a sua rotina.

Marcamos para uma segunda-feira, no final do dia, porém ocorreu um imprevisto eu tive que esperar para ser recebido.

O fato é que um homem, sentado no sofá da sala, vestindo camisa, calça e sapatos sociais; não era uma figura muito comum por ali. As crianças olhavam, de longe, com curiosidade e estranheza para mim. Até que uma menina, mais desinibida, se aproximou e perguntou:

- Você é marido de quem?

- De ninguém, na verdade. – respondi.

- Ah! E o que você veio fazer aqui?

- Vim conhecer vocês! – improvisei, sem saber ao certo o que responder.

Ela sorriu, fez mais algumas perguntas e depois acabou saindo quando outra criança chamou. Descobri, em outra ocasião, que ela era irmã do garotinho que apareceu logo depois na sala. Ele tinha apenas 3 anos e estava segurando um lápis-de-cor na mão, enquanto me observava de longe.

Olhando para ele, fiz a única coisa que me parecia lógica: Apontei para o lápis com o indicador da mão direita, enquanto sorria, e fiz um movimento com a mão, pedindo o lápis para mim – como quem chama alguém para perto de si. Ele olhou para o lápis e depois para mim, eu sorri, acenei afirmativamente com a cabeça e repeti o pedido com a mão. Ele se aproximou pouco-a-pouco, até chegar bem próximo e entregar o lápis para mim. Entregou meio arrependido, quase pedindo de volta, mas entregou.

Naquela hora eu percebi que aquele lápis tinha um significado para ele e que o fato dele ter entregue para mim também era importante. Afinal, era algo que ele queria e estava protegendo.

Imediatamente comecei a movimentar o lápis em minha mão como se fosse um foguete, enquanto fazia o barulho do motor. Num voo rápido e cheio de piruetas, o foguete atingiu seu alvo – a barriga do menino – provocando uma “enorme explosão”, com direito a onomatopéias e tudo mais.

O menino riu e eu devolvi o lápis para ele, mas ele devolveu o lápis na mesma hora. Repeti a brincadeira e o lápis passava entre nossas mãos com novas entregas. A cada explosão o riso dele ressoava mais alto pela sala, atraindo outras crianças.

Quando ele cansou da brincadeira, pegou o lápis e uma folha de papel para desenhar, sentado no chão da sala. Mas quando sentou e ia começar a desenhar, ele olhou para mim e levantou. Buscou outra folha e outro lápis, entregou para mim e disse: “Pra você desenhar”.

As outras crianças se aproximaram e, de repente, eu estava totalmente cercado por elas. Já tinha conversado com algumas, visto o caderno da escola de outra, o carrinho preferido de outra. Eu não sabia explicar o que tinha ocorrido ali naquele momento, mas foi a primeira experiência de muitas que viveria nos próximos meses naquele abrigo.

A conversa com a equipe técnica aconteceu, mas eu já estava totalmente absorvido por aquele encontro e sabia que não tinha como recuar. Sai dali com a certeza de que o meu voluntariado já tinha começado.

Foram muitos encontros e muitas histórias, contadas, ouvidas, lidas, registradas e vividas. Destaco mais duas que aconteceram antes de eu começar a estudar na pós-graduação.

Num domingo de muito calor, logo após entrar na brinquedoteca onde também ficavam os livros do abrigo, o menino-que-segurava-o-lápis escutou as outras crianças no quintal brincando de banho-de-mangueira com as educadoras. Ele olhou para mim e pediu para tomar banho de mangueira também, eu argumentei que poderíamos ler um livro e brincar um pouco antes, numa tentativa de “salvar” aquele encontro. Afinal, eu havia me deslocado naquele domingo para estar com ele e me preparado para aquele momento. Mas era nítido que ele preferia sair e brincar com as outras crianças. Eu aceitei a “derrota” e saímos. Enquanto ele brincava, eu tirava fotos para colocar em seu álbum. No final, ele se aproximou, abriu o bolso lateral da minha bermuda, colocou um carrinho amarelo, fechou o bolso e se afastou. Depois, eu perguntei para ele por que ele tinha colocado o carrinho no meu bolso e fui surpreendido com a resposta: “É um presente para você!”. Eu respondi que era exatamente o que eu precisava, por que eu não tinha um carrinho amarelo ainda. Ele sorriu surpreso.

Outra experiência foi por causa do medo que ele tinha: do escuro, de monstro, de lobo, de fantasma. Inclusive de um buraco que havia no forro de isopor, no teto da brinquedoteca. Bastava ele ver aquele buraco para dizer que haviam monstros e lobos ali, pedindo em seguida para sair. Isso atrapalhava os nossos encontros e fez com que eu pensasse em uma solução. Até que eu pensei em uma brincadeira! Imprimi vários monstrinhos, que colei em pratos descartáveis. Num dos nossos encontros, antes dele entrar na brinquedoteca, colei os pratos na parede com fita adesiva e fiz bolinhas de papel. Eu disse para ele que naquele dia brincaríamos de caçar monstrinhos. Ele se entregou a essa brincadeira e vibrava cada vez que acertava um monstrinho com uma bolinha, parando apenas quando todos os monstros eram derrubados da parede. Por alguns meses ele pediu para brincar de Caçador de Monstrinhos e, aos poucos, foi perdendo o medo do buraco no teto da brinquedoteca.

Cada uma dessas experiências foi possível mesmo sem que eu tivesse muito a oferecer, mesmo com a escassez de recursos e conhecimento. Eu não tinha nada para impor ou me opor. Por outro lado, eu estava realmente presente e queria que fosse um momento positivo para a criança de alguma forma. Toda a minha experiência de trabalho ou estudo não tinha serventia alguma naquele momento. A minha única alternativa era o ócio, era dar tempo ao encontro, era estar presente e escutar.

b. A menina com lágrimas nos olhos

Apesar de ter tido muitas experiências no abrigo, quando comecei o voluntariado no hospital os desafios não deixaram de aparecer. Logo no início, para não correr o risco de ser impactado pela cena do leito, eu me dirigia e me apresentava em cada leito sem observar demoradamente o ambiente. Era uma forma de não permitir que o receio fizesse com que eu evitasse uma criança.

Nessa época, eu tive um encontro especial durante uma visita ao pronto socorro, pós triagem (uma grande enfermaria com cerca de 10 leitos). Local onde as crianças ainda não sabem ao certo o que está acontecendo, mas já perceberam que não voltarão para casa tão cedo.

No primeiro leito, sem observar muito, eu me aproximei e após as devidas apresentações perguntei para a pequena garotinha de 7 anos se ela gostaria de ouvir uma história. Ela acenou com a cabeça afirmativamente, mas os seus olhos brilhavam enquanto ela segurava um choro iminente. Sentada ao seu lado, estava sua mãe, que tentava fazer com que ela jantasse. O seu pai, em pé, tentava se despedir e, aproveitando a minha chegada, partiu.

Eu não tinha mais como “evitar” o encontro (afinal, era essa a estratégia de chegar sem observar demoradamente); então peguei o livro *Até as Princesas Soltam Pum*, do Ilan Brenman, e disse que era um livro que a maioria das crianças gostavam e riam muito. Disse também que acreditava que ela iria, pelo menos, dar um sorriso. Quando eu li o título do livro, ela já deu a primeira risada.

Conforme eu contava a história, ela ria, até que uma enfermeira se aproximou e perguntou para a mãe se a menina havia jantado. Vendo a negativa, ela disse que havia sopa e perguntou se ela não comeria. Eu virei para a menina e disse que ela não sabia se gostaria da história até aceitar ouvi-la. E se ela aceitasse a sopa, talvez gostasse também. Ela aceitou, a enfermeira trouxe a sopa e, enquanto eu terminava a história, ela começou a tomar a sopa.

No final da história, conversamos um pouco e a mãe contou que não tinha o hábito de ler para a filha. Eu disse que agora que elas descobriram como era algo divertido, poderiam começar a ler juntas. Me despedi e continuei pela enfermaria.

Quando estava indo embora, passando em frente ao leito novamente, vi a mãe lendo um livro que havia pego na prateleira com brinquedos e livros do lado de fora da enfermaria. A menina estava rindo e havia comido quase toda a sopa.

Com poucos minutos de encontro, o cenário havia mudado profundamente e sem nenhum grande esforço ou preparo. Apenas com uma presença sincera e aberta para aquilo que acontecia naquele momento.

Não tenho dúvidas de que neste momento, os aprendizados e estudos já se tornaram ferramentas importantes para o encontro. Eu não tinha dúvidas da qualidade do livro infantil ou da importância de uma história contada. Ter consciência de tudo aquilo que eu já havia estudado e aprendido, fez desse encontro uma experiência melhor.

3. Conclusões: Agora e depois

O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (WALTER , Benjamin, 1994:p221)

A minha experiência com a arte narrativa tomou um percurso muito singular, pois não veio de tradição ou profissão, e começou com a busca pelo encontro com o outro pelo voluntariado. Porém, todas as experiências vividas no voluntariado, incluindo aquelas que não estão diretamente ligadas a narração, me levaram ao encontro comigo mesmo.

A oportunidade de colocar o agir em primeiro lugar e fora da minha zona de conforto, me colocou em posição de vulnerabilidade e exposição. Fez com que eu vivesse a interdependência do acolhimento do outro para que a construção da experiência fosse efetivada.

É preciso salientar que esses exemplos aconteceram durante uma constância nesse agir, onde novas experiências foram construídas a cada encontro durante meses. Somente através do tempo e do exercício é que a reflexão começou a tomar corpo.

Porém, o estudo e a formação trouxeram uma consciência fundamental para a qualidade dos novos encontros. Esse saber dos que já refletiram e viveram antes de nós é importantíssimo para que possamos ser responsáveis no nosso agir. Para que a nossa exposição seja legítima desde o princípio e não apenas o reflexo dos nossos medos (como descrito no caso da menina com lágrimas nos olhos) ou como reflexos das nossas discordâncias com a sociedade (como a busca pelo voluntariado como uma imposição pela atitude ao invés das palavras, que descrevi na introdução).

Este é o paradoxo que eu vivi entre o fazer sem ter o conhecimento de um estudo prévio e os benefícios que este fazer recebe através de uma consciência mais sedimentada. Porém, acredito que quando falamos sobre o agir estamos falando sobre algo muito singular, como afirma Larrosa:

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (JORGE, Larrosa, 2002:p27)

Mesmo com as suas singularidades, os registros destas experiências e aprendizados podem ser uma força motriz para que mais pessoas sintam vontade de agir também:

Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (JORGE, Larrosa, 2002:p27)

Se encaramos uma sociedade que se afasta da experiência pelo excesso de informação, excesso de opinião, falta de tempo e excesso de trabalho. Não podemos deixar que o ensino e a pesquisa sejam apenas engrenagens desta mesma máquina, despejando mais informação, opinião e trabalho.

Ao invés disso, acredito que podemos buscar um equilíbrio entre a pesquisa e o agir. O estudo sendo encarado não como uma chancela que nos “autoriza” para a ação, mas como um objeto de inspiração para uma atitude consciente.

A arte narrativa pode ser vista como um lugar de ação, um caminho em que se aprende ao caminhar. Se nos deixarmos convencer que esta arte pode ser resumida a um conjunto de regra e técnicas, podemos criar um outro papel que não é o do narrador.

Vejo o contador de histórias contemporâneo como aquele que se expõe àquilo que desconhece. Se esforçando para resgatar dentro de si o ócio, que pode conectá-lo ao outro. Colocando-os em pé de igualdade em não-saberes, aproximando diferenças, permitindo a construção do afeto em conjunto. Este contador não precisa necessariamente de profundos conhecimentos teóricos, técnicas avançadas ou qualquer outra informação. O que é preciso é a disposição para agir se expondo.

A consciência de técnicas, teorias e outras informações passam a ser ferramentas a nossa disposição. Quanto melhores e mais versáteis, tanto mais prático poderá ser o nosso trabalho. Porém, o ser humano não pode deixar de ser aquele que também é capaz de criar ferramentas, acessar técnicas, elaborar teorias. Dialogando com outros pensadores, mesmo antes de conhecê-los.

REFERENCIAS

WALTER , Benjamin, 1994 - Obras Escolhidas Volume I: Magia e Técnica, Arte e Política, página 221

WALTER , Benjamin, 1975 - O narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskov. Trad. Erwin Theodor Rosental, páginas 63-81

JORGE, Larrosa, 2002 - Revista Brasileira de Educação, número 19